

Novas profissões

Emprego antes do diploma

Com a profissão em alta, estes alunos de engenharia da FEI, em São Bernardo do Campo, turma que se forma neste ano, receberam convites de emprego ainda durante o curso

Marcus Ribeiro,
28 anos • Alstom
Salário:
4 700 reais
ALSTOM

Leandro Feltrim,
28 anos
GDE
Salário:
3 500 reais
G.D.E.

Cayo Victor Andrade,
23 anos
Alstom
Salário:
4 500 reais

Vagner Tiago de Oliveira,
24 anos
Pirelli
Salário:
4 500 reais

Bruno Alcaraz,
25 anos
Intermed
Salário: 4 500 reais
INTERMED

Emanuel Arnosti,
25 anos
Pematec Triangel
Salário: 5 500 reais
PEMATEC TRIANGEL

Luis Felipe Brandão, 23 anos
Metaltrend
Salário: 4 500 reais

Caio Miceli,
24 anos
Itaú
Salário: 3 500 reais

Felipe Capelão,
23 anos
Bridgestone
Salário:
3 500 reais

Bruno Mussolin,
21 anos
Cummins Emission
Solutions
Salário:
4 000 reais

Marcelo Tamura,
22 anos
Alfa Elevadores
Salário: 4 500 reais

Fernanda Canavese,
23 anos
Mercedes-Benz
Salário: 4 500 reais
Mercedes-Benz

Shayene Vieira,
22 anos
CSN
Salário: 4 500 reais
CSN

Natasha Valtas,
22 anos
Mercedes-Benz
Salário: 5 200 reais
Mercedes-Benz

Nathália Leibel,
23 anos
Hypermarcas
Salário: 4 500 reais
hypermarcas

NA ECONOMIA MODERNA,
AS CARREIRAS MAIS
PROMISSORAS SÃO
PARA OS PROFISSIONAIS
COM CONHECIMENTO
ESPECÍFICO DE UMA
DETERMINADA ÁREA
E CAPACIDADE DE
CONCILIAR HABILIDADES
TÉCNICAS COM MUTTA
CRIATIVIDADE

GABRIELA CARELLI

Como escolher as carreiras mais promissoras dos próximos vinte anos? Uma resposta pode ser encontrada no mais abrangente estudo já realizado sobre o assunto. *The Shape of Jobs to Come* (Como serão os empregos, em tradução livre), concluído no ano passado pela consultoria inglesa FastFuture, com o patrocínio do governo britânico.

A pesquisa apontou 110 carreiras cujo ponto em comum é o fato de serem fundamentadas e terem surgido na esteira da inovação e dos avanços científicos. A maior parte delas se concentra em áreas como internet, meio ambiente, demografia e tecnologia. O estudo considera que, devido às características próprias, essas carreiras representam uma ruptura

na tradição do trabalho, um verdadeiro "novo emprego". Para ocupá-lo, é preciso ser especialista, ter conhecimento específico e profundo de uma determinada área. Coisa que não significa, necessariamente, exibir um diploma ou um curso de pós-graduação, ainda que a formação universitária seja o mínimo necessário na maioria das atividades.

Vinicius de Albuquerque, 23 anos
Sinto Brasil Produtos
Salário: 3 500 reais


Henrique Paiva, 24 anos
Itsemap
Salário: 3 500 reais


Ioannis Papadimitriou, 22 anos
Centroprojekt do Brasil
Salário: 4 500 reais


Kleber Stancari, 30 anos • Toledo
Salário: 4 000 reais


Anderson Caires, 25 anos
Mercedes-Benz
Salário: 6 000 reais


Ricardo Fay, 23 anos
Etep
Salário: 4 500 reais


Rodrigo Catiste, 25 anos • Philips
Salário: 5 500 reais
PHILIPS

Leonardo Andrade, 25 anos
TaeguTec
Salário: 4 000 reais


Camilla Corazza, 27 anos
MAN Latin America
(fabrica caminhões e ônibus Volkswagen)
Salário: 5 000 reais


Denis Clemente, 27 anos
Radares (fornece peças para a Volkswagen)
Salário: 4 000 reais

Rafael Bueno, 28 anos
First Tech
Salário: 6 500 reais


Beatriz Gasparotto, 22 anos
Decathlon
Salário: 3 000 reais


Jéssica Nakano, 32 anos
Rockwell Automation
Salário: 3 000 reais


Valéria Martinelli, 26 anos
Altran
Salário: 5 000 reais


20 carreiras em alta

OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS, AS MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS, A MODERNIZAÇÃO E A EXPANSÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA ESTÃO CRIANDO UMA NOVA GAMA DE ATIVIDADES PROFISSIONAIS. NESTAS PÁGINAS, VEJA APRESENTA VINTE DESSAS CARREIRAS PARA QUEM NÃO QUER MAIS DO MESMO. ELAS FORAM SELECIONADAS COM A AJUDA DE CONSULTORIAS ESPECIALIZADAS E OFERECEM FARTURA DE VAGAS E BOA REMUNERAÇÃO



INTERNET

As vendas on-line no Brasil

movimentaram 14 bilhões de reais no ano passado e crescem a uma taxa de 30% ao ano. Ter um site tornou-se indispensável para as empresas. Boa parte das companhias usa as redes sociais como Twitter e Facebook para se aproximar de seus clientes

ANALISTA DE REDES SOCIAIS

O que faz: monitora a imagem de uma empresa na internet. Desenvolve planos de comunicação e marketing, produz informação para as redes sociais, como Twitter e Facebook
Qualificação necessária: formação em publicidade, jornalismo ou relações públicas
Salário inicial: 5 000 reais
Quem contrata: agências de comunicação e empresas que atuam nas redes sociais

ANALISTA DE PALAVRA-CHAVE (SEO)

O que faz: estabelece estratégias eletrônicas para colocar determinada página entre as primeiras a aparecer em pesquisas nas ferramentas de busca, como Google e Yahoo
Qualificação necessária: formação em análise de sistemas, tecnologia

da informação e graduação ou especialização na área de marketing
Salário inicial: 4 000 reais
Quem contrata: agências de comunicação, empresas produtoras de sites e organizações que consolidam a marca tanto no site da empresa quanto em redes sociais

GERENTE DE E-COMMERCE

O que faz: atua nos processos de logística, de compra e venda de produtos e de cobrança.
Qualificação necessária: formação em economia, marketing, administração ou engenharia (produção, computação, eletrônica ou telecomunicação)
Salário inicial: 6 000 reais
Quem contrata: indústrias e empresas com canais de vendas na internet

ESPECIALISTA EM FERRAMENTAS DE INOVAÇÃO

O que faz: cria sites, aplicativos ou games para identificar desejos e necessidades do consumidor. A partir dos resultados, desenvolve novos produtos
Qualificação necessária: formação em design, publicidade, ciência da computação ou engenharia de telecomunicações
Salário inicial: 5 000 reais
Quem contrata: empresas dos setores automobilístico e de produtos eletrônicos

CIÊNCIAS

Ao contrário do que ocorria no passado, a carreira científica não está mais fadada ao trabalho universitário. Empresas de alimentos, bebidas, agronegócio, cosméticos, medicamentos e muitas outras estão ávidas por físicos, químicos e biólogos



BIOINFORMATICA

O que faz: lê e interpreta dados de equipamentos ultramodernos, como as máquinas de sequenciamento de DNA
Qualificação necessária: formação em biologia, física ou engenharia com pós-graduação em bioinformática
Salário inicial: 6 000 reais
Quem contrata: empresas de agronegócio, indústria farmacêutica, laboratórios e instituições de pesquisas

BIOTECNÓLOGO

O que faz: desenvolve produtos a partir de culturas de bactérias e plantas, tanto para a área médica, como vacinas e remédios, como para as indústrias de bebidas e de alimentos. Na agroindústria, aprimora as lavouras e recupera áreas degradadas
Qualificação necessária: graduação ou pós-graduação em biotecnologia
Salário inicial: 4 000 reais
Quem contrata: indústria de bebidas, alimentos, laboratórios e empresas de agronegócio

NANOTECNÓLOGO

O que faz: atua em todas as áreas da nanotecnologia, ramo da ciência especializado em forjar novas estruturas e materiais a partir do rearranjo de átomos e moléculas
Qualificação necessária: graduação em nanotecnologia

ou formação em física, química e biologia com pós-graduação em nanotecnologia
Salário inicial: 4 000 reais
Quem contrata: indústrias farmacêutica, automobilística e eletrônica

GEOFÍSICO

O que faz: trabalha na prospecção de petróleo, lençóis freáticos e jazidas de minério e na avaliação do solo para a construção de túneis e rodovias
Qualificação necessária: graduação em geofísica
Salário inicial: 3 500 reais
Quem contrata: empresas de construção civil, petróleo e mineração

ENGENHARIA

Todos os anos, cerca de 50 000 engenheiros formam-se nos 1 200 cursos existentes no Brasil — metade da quantidade necessária para dar conta da demanda atual. Além do apagão em áreas tradicionais da engenharia, há enorme procura por profissionais com novas especializações



ENGENHEIRO DE PETRÓLEO

O que faz: trabalha na prospecção de petróleo, nas atividades de refino e na logística (transporte, distribuição e comercialização dos produtos)
Qualificação necessária: formação em engenharia de petróleo ou pós-graduação em petróleo e gás
Salário inicial: 6 000 reais
Quem contrata: empresas do setor de óleo e gás, principalmente em locais próximos a plataformas de exploração, como a Bacia de Campos, no Rio de Janeiro

ENGENHEIRO DE ENERGIA

O que faz: planeja e desenvolve sistemas de geração,

transmissão, distribuição e uso de energia tradicional ou renovável

Qualificação necessária:

formação em engenharia de energia, elétrica, mecânica ou de produção

Salário inicial: 3 000 reais

Quem contrata: empresas de energia públicas ou privadas, escritórios de consultoria em engenharia e agências reguladoras

ENTRETENIMENTO

O tamanho do mercado global de aplicativos para celulares



para celulares

e tablets deve se multiplicar por nove até 2013. A indústria de games no Brasil cresce à taxa média de 10% ao ano. O país é referência na animação em 3D, com cerca de trinta empresas da área

DESENVOLVEDOR DE APPS

O que faz: planejamento, programação, execução, distribuição e manutenção de aplicativos para celulares e tablets

Qualificação necessária: formação em design, engenharia, sistemas de informação ou ciências da computação

Salário inicial: 5 000 reais

Quem contrata: agências de publicidade, empresas que atuam em redes sociais e operadoras de telefonia móvel

GAME DESIGNER

O que faz: elabora roteiros, cria personagens e cenários de videogames

Qualificação necessária:

graduação em design de games ou formação em engenharia, arquitetura e artes com especialização em computação gráfica

Salário inicial: 2 000 reais

Quem contrata: fabricantes de games nacionais e estrangeiros

ARTISTA DIGITAL EM 3D

O que faz: cria personagens, vinhetas, cenários e maquetes virtuais

Qualificação necessária: formação em design, engenharia, arquitetura, publicidade ou artes com especialização em computação gráfica

Salário inicial: 3 000 reais

Quem contrata: produtoras de vídeo, estúdios de cinema, emissoras de televisão, agências de publicidade e desenvolvedores de jogos

SOUND DESIGNER

O que faz: cuida do áudio de games, animações, vinhetas e anúncios publicitários

Qualificação necessária: formação em música com especialização em animação ou game design

Salário inicial: 2 000 reais

Quem contrata: produtoras de vídeo, emissoras de televisão e fabricantes de games

SAÚDE

Os brasileiros com mais de 60 anos já

representam 10% da população. Essa mudança demográfica e o avanço tecnológico da medicina estão criando uma série de novas funções em diversos setores da economia, sobretudo na área de saúde



GERONTÓLOGO

O que faz: garante a qualidade de vida dos mais velhos. Entre suas atribuições estão a organização da rotina doméstica, das finanças à inserção dos idosos em atividades sociais

Qualificação necessária: formação em psicologia, fisioterapia e enfermagem com pós-graduação em gerontologia

Salário inicial: 2 500 reais

Quem contrata: casas de repouso, hospitais públicos e privados, famílias

FARMACOECONOMISTA

O que faz: análises sobre a viabilidade econômica de um remédio. Precisa estudar a demanda e reunir dados objetivos sobre o custo-benefício do produto

Qualificação necessária: graduação em farmácia com noções de economia ou formação em economia com noções em farmácia

Salário inicial: 7 000 reais

Quem contrata: empresas farmacêuticas e consultorias que prestam serviço a elas

CIRURGIÃO ROBÓTICO

O que faz: cirurgias de alta complexidade, especialmente oncológicas, com o uso de aparelhos robóticos

Qualificação necessária: treinamento intensivo em cirurgia robótica. Em geral, os médicos brasileiros especializam-se em grandes centros médicos internacionais, principalmente nos Estados Unidos

Salário inicial: 15 000 reais

Quem contrata: hospitais particulares

GERENTE DE DOENÇAS CRÔNICAS

O que faz: monitora os tratamentos mais procurados pelos clientes de planos de saúde com o objetivo de estudar novos serviços ou ações de prevenção em áreas específicas (como cardiologia e endocrinologia)

Qualificação necessária: formação em medicina, enfermagem

e administração com especialização em gestão hospitalar

Salário inicial: 12 000 reais

Quem contrata: seguradoras e operadoras de saúde

MEIO AMBIENTE

Aquecimento global, escassez de água e dificuldades resultantes do crescimento demográfico são temas que vieram para ficar



CONSULTOR EM SUSTENTABILIDADE

O que faz: estuda o impacto ambiental de um empreendimento e apresenta soluções para minimizá-lo. Também aconselha seus clientes a adotar posturas sustentáveis para fortalecer a imagem da companhia

Qualificação necessária: formação em administração, direito e engenharia com especialização em gestão ambiental

Salário inicial: 5 000 reais

Quem contrata: empresas do setor de petróleo e gás, indústrias química e automotiva

HIDRÓLOGO

O que faz: avalia o potencial energético e o impacto ambiental de hidrelétricas, elabora políticas para redução do consumo e busca soluções para irrigação agrícola

Qualificação necessária: formação em engenharia civil ou ambiental e geologia

Salário inicial: 6 000 reais

Quem contrata: empresas de agronegócio, mineradoras, empresas de saneamento e de energia

A especialização pode muito bem ser decorrente da experiência, do talento e da capacidade de cada um para encontrar soluções originais em um mundo cada vez mais embaralhado. Escolhido neste ano uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*, o finlandês Peter Vesterbacka é uma estrela em ascensão desse “novo emprego”. Ele largou um cargo na Hewlett-Packard, o gigante dos computadores, para tentar ganhar a vida com seu hobby, o desenvolvimento de games. Com 200 milhões de downloads em smartphones e tablets em pouco mais de um ano, seu jogo *Angry Birds* o transformou numa celebridade digital. E também em um homem rico.

O novo emprego é um híbrido dos extremos profissionais do século passado. Os títulos atuais tendem a ser referência a atividades tipicamente intelectuais (técnico, especialista, analista), mas quase sempre envolvem executar tarefas com as próprias mãos, como os operários numa fábrica. Um desenhista de animação em 3D, para citar como exemplo uma nova atividade na qual os brasileiros se destacam, realiza um trabalho basicamente cerebral, criativo, mas necessita de habilidade manual e conhecimento técnico para se utilizar do computador e de programas gráficos de última geração. A expansão em ritmo acelerado e, sobretudo, a modernização da

economia brasileira abriram espaço no país para as “novas profissões”. Abrir espaço, por sinal, é uma imagem pobre para descrever as imensas dimensões do fenômeno. O Brasil criou 2,8 milhões de empregos formais no ano passado, quase o dobro do recorde anterior, de 2007. Prevê-se que fechará este ano com o acréscimo de outro 1,9 milhão de vagas. Desse total, 1,2 milhão não será preenchido por absoluta escassez de candidatos com a qualificação necessária.

Duas pesquisas recentes — uma da Confederação Nacional da Indústria, com 1.616 empresas, e outra da Fundação Dom Cabral, com as 130 maiores companhias do país — revelaram que a dificuldade em contratar é um problema sério em sete de cada dez empresas brasileiras. Isso decorre, em parte, da deficiência da educação nacional, uma ferida que só o tempo e boas políticas podem sanar. O maior abismo, contudo, é consequência direta do enorme apetite das empresas brasileiras por especialistas nas “novas profissões”. VEJA escolheu vinte dessas profissões para ser analisadas de perto. Parte delas consta da relação elaborada pelo estudo inglês, e o critério adotado na seleção final foi objetivo: a existência de demanda no Brasil para cada uma dessas profissões.

COM REPORTAGEM
DE ALEXANDRE SALVADOR,
CAROLINA MELO E
GABRIELLA SANDOVAL

Eles aproveitaram a oportunidade

Uma economia que se encontra em expansão, como a brasileira, oferece inúmeras chances para quem quer crescer e se prepara para isso. Os personagens que aparecem nesta e nas próximas páginas souberam aproveitar esse momento de modernização do Brasil. Eles fizeram acontecer em suas vidas.

Flávio foi atrás do petróleo

O que precisou fazer:

- Mudar de área
- Cursos de especialização
- Aprender um novo idioma

O carioca Flávio Vaz formou-se em administração de empresas e por três anos trabalhou em duas empresas de telefonia celular. Constatou que a área de petróleo e gás oferecia muitas oportunidades de crescimento e melhor remuneração. Candidatou-se a uma vaga numa multinacional americana fabricante de equipamentos de exploração

submarina de petróleo e assumiu a função de coordenador de projetos. Esse cargo, até há alguns anos, era ocupado na empresa apenas por engenheiros, mas, por falta de mão de obra especializada, passou a ser entregue a outros profissionais. A empresa bancou cursos técnicos de engenharia mecânica para Flávio. Ele passou a ganhar 60% a mais do que quando trabalhava com telefonia. Hoje, depois de fazer um curso de espanhol na Argentina, trabalha para outra empresa na área de petróleo, uma multinacional norueguesa.





LAILSON SANTOS

Leonardo apostou no futuro da genética

O que precisou fazer:

- Optar por uma especialidade pouco convencional**
- Cursos de especialização**

Na adolescência, o paulista Leonardo Varuzza, de 32 anos, divertia-se desenvolvendo

programas para o sistema operacional Linux e era fascinado por ficção científica. Na hora do vestibular, optou pelo curso de física e uma disciplina pouco convencional da grade curricular despertou seu interesse: a bioinformática. Leonardo resolveu, então, fazer pós-

graduação na área. Hoje, ele é um dos poucos bioinformatas brasileiros. Sua função é ler e interpretar os resultados de máquinas de sequenciamento genético. Ele também trabalha no aprimoramento dos equipamentos e treina profissionais de hospitais e clínicas para lidar com eles.

“Quando terminei o doutorado, o sequenciamento genético estava apenas começando. Não fazia ideia de que a profissão se tornaria tão relevante”, ele conta. “Foi uma escolha certa. Sou viciado em buscar soluções, a essência da minha profissão”, completa.

Thales transformou um hobby em profissão

O que precisou fazer:

- Trocar de faculdade
- Mudar de cidade
- Especializar-se em aplicativos

O fluminense Thales Schmalz, de 30 anos, sempre foi apaixonado por games. Ainda na faculdade de engenharia, descobriu uma nova graduação que poderia abrir-lhe as portas para realizar o sonho de desenvolver jogos eletrônicos. Largou a engenharia para cursar sistemas de informação. Já formado, e sem conseguir emprego, deixou Resende, no Rio de Janeiro, rumo a São Paulo, para trabalhar numa firma de desenvolvimento de softwares. Depois de cinco anos, foi convidado para ocupar uma vaga em uma empresa de produção de aplicativos para dispositivos móveis. Hoje, Thales é gestor de projetos para iPhone e iPad. Nas horas vagas, cria seus próprios apps e os põe à venda na loja da Apple — iniciativa que, segundo ele, por enquanto é mais uma diversão do que fonte de renda. “Desenvolver aplicativos por conta própria ainda é uma loteria. Criei quatro produtos, que me renderam 280 reais. Mas, quando uma empresa nos contrata, paga muito bem”, ele garante.



FOTOS: LAILSON SANTOS



Lígia largou o consultório

O que precisou fazer:

- Uma nova faculdade
- Cursos de especialização

Há cinco anos, a paulistana Lígia Ribeiro formou-se em fonoaudiologia e passou a dividir o tempo entre o próprio consultório e o atendimento numa empresa. Em pouco tempo, concluiu que não iria muito longe. Na empresa, não havia possibilidade de crescimento. No consultório, o retorno financeiro era baixo — ela praticamente pagava para atender os pacientes. Lígia decidiu mudar de profissão. Pesquisou as áreas mais promissoras e se matriculou num curso superior de tecnologia da informação. Apenas três meses após o início das aulas, já trabalhava como estagiária. Fez vários cursos complementares de especialização e, após a conclusão da nova faculdade, choveram propostas de emprego. Ela passou a ganhar quatro vezes o que recebia nos tempos de fonoaudióloga. “Na minha turma de faculdade, metade dos colegas abandonou o consultório”, ela conta.

Um elo com o mercado

UM NOVO FUNDO CRIADO NA ESCOLA DE ENGENHARIA DA USP PARA CAPTAR DINHEIRO DA INICIATIVA PRIVADA PODE SER UM PASSO DECISIVO PARA LIBERTAR A ACADEMIA DE AMARRAS BUROCRÁTICAS — E, ENFIM, APROXIMÁ-LA DO MUNDO REAL

RENATA BETTI

A criação de um fundo para canalizar doações do setor privado, livre das ingerências do estado e sob a gestão de um conselho formado por empresários, causa espanto pelo cenário do qual ele emerge: uma universidade pública brasileira. Trata-se de algo pioneiro no Brasil. Lançada na semana passada, a iniciativa é da Escola Politécnica (Poli) da Universidade de São Paulo, que desde sua fundação, em 1893, forma os melhores engenheiros do país.

O propósito é ter não apenas mais dinheiro como liberdade para gastá-lo com o fundamental: pesquisa e laboratórios de alto nível. Isso ecoa uma prática que vem sendo decisiva para alçar instituições como Harvard ou Yale, nos Estados Unidos, ao topo do ranking mundial do ensino superior. Em tais universidades (que, ao contrário da USP, não são públicas), quase a metade do orçamento é composta de doações na casa de bilhões de dólares. O fundo da Poli começa com meta bem mais modesta. O objetivo é somar ao caixa 25 milhões de reais por ano — o equivalente a um quarto da verba já garantida pelo estado (da qual 80% se destinam ao pagamento de salários). Em troca, as empresas receberão 30% de isenção fiscal sobre o valor doado, modelo que segue o de universidades estrangeiras.

Resume o doutor em engenharia José Roberto Cardoso, diretor da Poli: "Para dar aos alunos um diploma de valor equivalente ao das melhores instituições do mundo, não é mais possível às universidades brasileiras depender do estado para tudo".

Outros centros situados em universidades públicas brasileiras já haviam encontrado caminhos jurídicos para angariar recursos privados de forma permanente. Muitos criaram fundações universitárias, que começaram a proliferar na década de 70 por todo o ensino superior público e foram cruciais para consolidar núcleos de alto padrão, como a Coppe, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nenhuma dessas iniciativas, no entanto, foi tão radical quanto a da escola de engenharia da USP — talvez o primeiro passo para uma mudança de maior espectro no sistema universitário público. Enquanto nas fundações ainda é preciso submeter os grandes gastos e decisões a uma alçada federal, a Poli criou um fundo autônomo, cujo dinheiro poderá ser gasto como julgar melhor, apreciação que ficará a cargo de um conselho constituído pela própria faculdade. O papel do estado será tão somente garantir os incentivos fiscais aos doadores, algo que a Poli conseguiu enquadrando-se na legislação que faz de seu

fundo uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Não existe no Brasil uma lei de *endowment* (como é conhecida em países ricos) prevendo doações do setor privado — um flagrante atraso que resulta em situações absurdas na academia. Sem nenhum incentivo, empresários brasileiros acabam dando dinheiro a instituições estrangeiras.

Há um aspecto menos visível na iniciativa da Poli que é decisivo para que a faculdade avance: sua aproximação com o setor privado. No conselho que fará a gestão do fundo, além de professores e ex-alunos, estarão empresários que

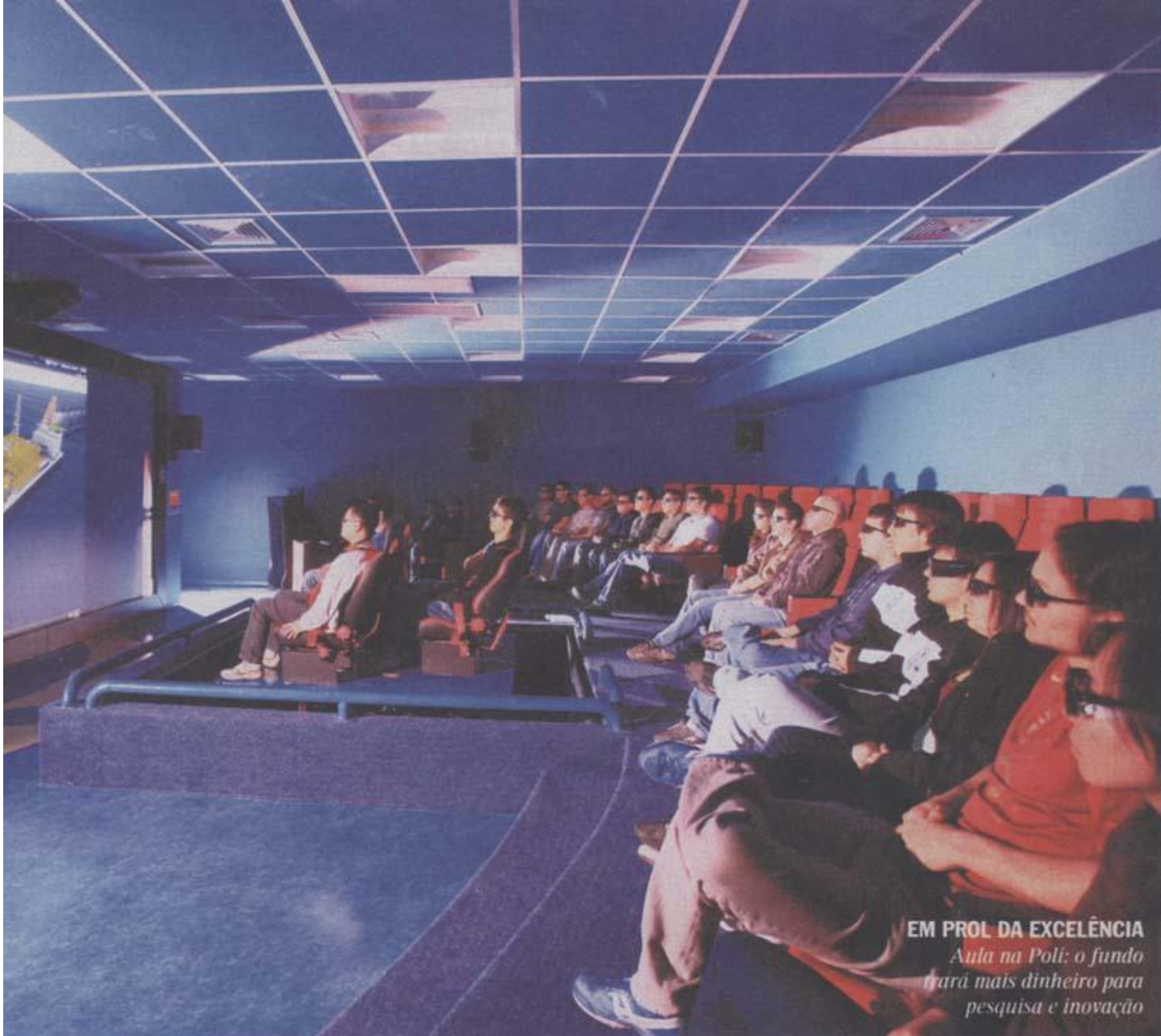


CI. AUCHO GATTI



LAILSON SANTOS

UM MODELO CAMPEÃO *Câmpus de Harvard: as doações ajudam a manter a universidade no topo do ensino*



EM PROL DA EXCELÊNCIA

Aula na Poli: o fundo trará mais dinheiro para pesquisa e inovação

ajudarão a sinalizar para a academia as verdadeiras demandas do mercado. Essa conexão, que já se demonstrou tão eficaz na produção de conhecimento e inovação em países mais desenvolvidos, no Brasil costuma ser vista como afronta à autonomia universitária — uma bobagem ideológica que só mantém as instituições brasileiras longe do topo. A própria USP foi palco de um episódio recente que ilustra o tom predominante. A Faculdade de Direito havia conseguido doações de um banco e de um escritório de advocacia para reformar algumas salas. Em troca, faria um pequeno gesto: pendurar na parede placas com o nome

dos doadores. Pois professores e alunos se insurgiram quando tais placas ficaram prontas, fazendo até greve e acusando diretores da faculdade de querer “privatizar o ensino”. “Infelizmente, ainda impera nas universidades públicas brasileiras uma mentalidade tacanha, distante da academia moderna”, diz o ex-ministro da Educação Paulo Renato Souza.

O fundo recém-criado pela escola de engenharia da USP também tem o efeito de livrá-la, em certo grau, da pesada burocracia que recai sobre as universidades públicas no Brasil. Para se ter uma ideia dos entraves, uma fabricante de computadores

tentou doar centenas de máquinas à Poli, mas a faculdade, que precisava delas, viu-se obrigada a recusar. Isso porque, como ocorre com as demais universidades, qualquer nova aquisição — até mesmo fruto de doações — precisa ser submetida à lei de licitações. Nesse caso, a Poli deveria procurar outras empresas do mercado para saber se elas também teriam interesse em lhe doar computadores e, só então, poderia escolher a melhor opção. Diante de tantos obstáculos, a Poli desistiu. O mesmo princípio causa morosidade a processos básicos, como a compra de aparelhos e materiais que

se prestam à pesquisa — uma barreira à própria investigação científica. Historicamente, as universidades públicas brasileiras se queixam de escassez de verbas, mas, antes de tudo, está claro que é preciso gerir melhor o que já têm e despregar-se do estado para conseguir figurar entre as melhores. O novo fundo de doações da Poli é uma boa notícia nesse sentido. “Ao fim e ao cabo, a tendência é que o próprio ensino melhore, algo crucial para que nossos jovens tenham chance de encarar a competição global”, conclui o matemático Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências. ■